

A recepção de Clarice Lispector: da crítica à história literária e as mudanças de abordagens

Fabício Lemos da Costa*

Resumo

Este trabalho pretende refletir sobre as leituras da ficção de Clarice Lispector (1920-1977) ao longo da história de sua recepção. Nesse sentido, nossa proposta é compreender as interpretações da literatura clariciana, de acordo com as mudanças temáticas que implicam na forma de ler as obras dessa autora. Nossa discussão, em suma, tem o intento de mostrar como cada período influencia e modifica a maneira de interpretar as narrativas da escritora. Para isso, evidenciaremos a importância da Crítica Literária e da História Literária nesse processo de afirmação de leituras. Da Crítica, apontaremos três momentos da recepção de Clarice. Da História Literária, nosso objetivo é verificar qual abordagem é mais evidente até hoje. Para esta última questão, dialogaremos principalmente com a **História Concisa**, de Alfredo Bosi.

Palavras-chave: Clarice Lispector; recepção; leituras; crítica literária; história literária.

The reception of Clarice Lispector: from critics to literary history and the changes in approaches

Abstract

This paper intends to reflect on the readings of Clarice Lispector (1920-1977) fiction throughout the history of its reception. In this sense, our proposal is to understand the interpretations of clarician's literature, according to the thematic changes that imply in the way of reading the author's works. Our discussion, in summary, has the intention of showing how each period influences and modifies the way of interpreting the writer's narratives. For this, we will evidence the importance of Literary Criticism and Literary History in this process of readings affirmation. From the Critics, we will point out three moments of Clarice's reception. From Literary History, our goal is to verify which approach is more evident until today. For this last question, we will dialog mainly with **História Concisa**, by Alfredo Bosi.

Keywords: Clarice Lispector; Reception; Readings; Literary Criticism; Literary History.

Recebido em: 03/12/2021 // Aceito em: 14/08/2022.

* Graduado em Letras — Língua Portuguesa — pela Universidade Federal do Pará (2012), Mestre em Letras — Estudos Literários — pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA, 2020). Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA)..

1 A Recepção de Clarice Lispector: da crítica de “Primeiras horas” à “desontologização”

Para uma discussão inicial, gostaríamos de delinear brevemente a história da recepção ficcional de Clarice Lispector. Para isso, consideramos três momentos na recepção da literatura clariciana. São eles: Recepção de “primeiras horas”, Recepção ontológica-existencial e Recepção atual – Clarice para o nosso tempo – “desontologização”. Privilegiamos essa abordagem da História pela fortuna crítica, isto é, o estudo de obras concretas, pois consideramos que a constituição da primeira se encontra envolvida com a segunda, como pensa René Wellek (1963) em **Conceitos de Crítica**, capítulo “Teoria, Crítica e História Literária”: “Defendi a necessidade de uma colaboração entre as três disciplinas: Aham-se tão implícitas umas nas outras que tornam inconcebível a teoria literária sem crítica ou história, ou a crítica sem a teoria ou história, ou a história sem teoria e crítica [...]” (WELLEK, 1963, p. 13).

Sob esse prisma, considerando a importância do entrelaçamento ou contribuição entre a Crítica e a História, gostaríamos de analisar, entre outros aspectos, o momento e o tipo de leitura que ficou evidente nas histórias no caso da ficção clariciana. Para isso, precisamos situar os temas de interesse e instrumentais teóricos desenvolvidos em cada período da recepção crítica de Clarice, porque, como afirma Marcos Siscar (2021), “cada maneira de se ler uma obra implica tipos de inscrição estética e cultural muito diferentes e tem consequências importantes para o próprio papel da crítica [...]” (SISCAR, 2012, p. 31).

Da recepção de “primeiras horas”, sublinhamos a breve crítica de Antonio Candido (1943), intitulada “No Raiar de Clarice Lispector”. Na leitura de **Perto do coração selvagem**, Candido destaca a tentativa do romance de levar a língua portuguesa de particularidade “canhestra”, segundo ele (1977, p. 127), para “um pensamento cheio de mistérios” (CANDIDO, 1977, p. 127). O crítico afirma que a narrativa de estreia de Lispector, deixando as “fontes estrangeiras de inspiração” (CANDIDO, 1977, p. 128) um pouco de lado, pode ser analisada como “performance” que carrega alguma singularidade em nossas letras. Podemos perceber que Candido lê **Perto do coração selvagem** ainda como experimentação, haja vista que se trata do primeiro romance da escritora. No entanto, ele aponta a ficção como novidade no contexto literário brasileiro.

Poder-se-ia dizer que Candido, mesmo afirmando o livro como “tentativa porque nele a realização é nitidamente inferior ao propósito [...]” (CANDIDO, 1977, p. 128), enquadra Clarice entre os escritores ousados, já que aposta em experimentações e processos novos. Sublinhando a “intensidade” e capacidade de demonstrar a “vida interior”, assinala a possibilidade de a autora tornar-se – no futuro –¹ um nome importante da literatura brasileira, porque, para ele, a primeira tentativa já se mostra uma “nobre realização” (CANDIDO, 1977, p. 131). Dessa recepção de “primeiras horas”, em que se destaca os dois primeiros romances de Lispector, vemos comentários que evidenciam a novidade literária, configurando-se, entretanto, como projeto inacabado. Essas compreensões ficam mais evidente para o caso de **Perto do coração selvagem**. Compreendemos que essas leituras muito próximas ao aparecimento das obras devem ser analisadas como as primeiras impressões críticas, sendo importantes para a divulgação das “novidades” ficcionais entre os demais leitores – críticos ou não. Vale lembrar que Clarice era considerada estreante na década de 1940, não possuindo fortuna crítica consolidada.

¹ Cf. Lins (1963, p. 191): “O romance da Sra. Clarice Lispector está cheio de imagens, mas sem unidade íntima. Aqui estão pedaços de um grande romance, mas não o grande romance que a autora, sem dúvida, poderá escrever mais tarde [...]”.

A “recepção de primeiras horas”² é representada também pelo crítico Álvaro Lins. Dele, destacam-se dois breves textos publicados em 1944 e 1946, mais tarde inseridos no livro **Os mortos de sobrecasaca** (1963). Nos textos, Lins direciona seu comentário para **Perto do coração selvagem** (1943) e **O Lustre** (1946). Os argumentos do crítico, como revela o título “A experiência incompleta: Clarice Lispector”, giram, segundo ele, em torno de um trabalho inacabado, portanto, “falho”, quando comparado e pensado à luz de autores da literatura internacional, como James Joyce. Partindo dessa compreensão de recepção de “primeiras horas”, a aproximação entre a literatura de Clarice e determinadas obras estrangeiras, particulariza a tentativa de explicar a ficção da escritora como novidade, haja vista que não havia referência nas letras brasileiras que a pudesse situar.

Ao comentar **Perto do coração selvagem**, ele afirma: “A autora lançou os seus problemas, porém não conseguiu resolvê-los a todos, em termos de ficção. Sentimos que ela ficou embaraçada, perdida no seu próprio labirinto; e a partir da segunda parte já não sabe como acabar o livro. E, na verdade, o livro ficou inacabado e incompleto como romance.” (LINS, 1963, p. 190). Nesse caso, ao comparar a literatura de Lispector com os romances modernos de autores europeus, o crítico considera as narrativas da então jovem escritora como inacabadas. Lins aborda o presente aspecto no fragmento seguinte: “De certo modo, o segundo livro da Sra. Clarice Lispector, **O Lustre**, representa uma continuação do primeiro, **Perto do coração selvagem**, com as mesmas consideráveis qualidades e as mesmas deficiências essenciais [...]” (LINS, 1963, p. 191). Enfatizamos que Clarice ainda estava em seu segundo romance nesse momento de sua carreira literária. Assim, seu projeto literário só começa a ser mais densamente analisado a partir da publicação dos próximos romances, sobretudo com o aparecimento de **A maçã no escuro** (1961) e **A paixão segundo G.H.** (1964).

Tendo como *corpus* apenas as duas obras de estreia, pressupõe-se que o crítico não teve como analisar um projeto estético clariciano mais amplo, principalmente no que diz respeito às temáticas. Por outro lado, assim como Candido fala em “ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica [...]” (CANDIDO, 1977, p. 129), Lins mostra também alguma qualidade na autora: “um romance original nas nossas letras, embora não o seja na literatura universal [...]” (LINS, 1963, p. 187-188), mas “há, com efeito, na Sra. Clarice Lispector as forças interiores que definem o escritor e o romancista: a capacidade de analisar as paixões e os sentimentos sem quaisquer preconceitos; os olhos que penetram até os cantos misteriosos do coração [...]” (LINS, 1963, p. 191). Todos esses apontamentos são importantes na recepção primeira, porque mais tarde – na segunda recepção – questões que envolvem a “procura”, “tensão psicológica”, “forças interiores” e o viés “misterioso” serão estimuladas nas leituras existencialistas.

Apesar de apontar “incompletudes” em Clarice Lispector, consideramos a crítica de Álvaro Lins “fundante” na história da recepção da escritora, pois ele ajudou a “interromper” o “silêncio” na crítica quando do aparecimento do romance de Clarice, juntamente com Candido e Sérgio Milliet, estimulando a possibilidade de outras leituras. Em cartas trocadas entre Fernando Sabino e Clarice Lispector em 1946, vemos como a leitura de Álvaro Lins naquele momento tinha certa “autoridade” entre a crítica especializada. Em 6 de maio de 1946, Sabino comenta em carta: “Por falar em Álvaro Lins, soube que ele finalmente está lendo **O Lustre**, com ligeiras indisposições facilmente adivinháveis [...]” (SABINO, 2011, p. 16). Em 19 de junho de 1946, Clarice escreve sobre a crítica de Lins a Sabino:

Encontrei cartas de casa e vários recortes de jornal, artigo de Reinaldo Moura, nota de Lazineha Luiz Carlos de Caldas Brito..., várias notinhas, referências a você e a mim em Sérgio Milliet, e em vários.

2 Na recepção de “primeiras horas”, destacamos também a importante crítica de Sérgio Milliet. Em 1944, ele escreve sobre **Perto do coração selvagem**, destacando a particularidade de “tentativa” no que diz respeito à renovação da literatura brasileira. Como se vê em Lins e Candido, esta expressão (“tentativa”) marcou a recepção primeira de Lispector. Cf. Milliet (1981, p. 32): “A obra de Clarice Lispector surge no nosso mundo literário como a mais séria tentativa de romance introspectivo. Pela primeira vez um autor nacional vai além, nesse campo quase virgem de nossa literatura, da simples aproximação; pela primeira vez um autor penetra até o fundo a complexidade psicológica da alma moderna.”

E nota de Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virginia parece com Joana, que os personagens não têm realidade [...] Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz ou doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade. (LISPECTOR, 2011, p. 22).

O segundo momento da recepção crítica de Lispector, intitulamos de “ontológica-existencial”, em que temos Benedito Nunes como digno representante. Da crítica³ desse filósofo paraense, consideramos **O Mundo de Clarice Lispector** (1966), **Leitura de Clarice Lispector** (1973) e **O Drama da linguagem – uma leitura de Clarice Lispector** (1995). Para compreendermos a perspectiva ontológico-existencial verificada nas leituras de Nunes, faz-se mister atentarmos para o seu instrumental teórico. Em sua interpretação, encontramos filósofos e autores como Heidegger, Kierkegaard, Wittgenstein, Sartre, Camus, para citarmos apenas alguns. Vale a pena apontar que as interpretações existencialistas de Clarice começaram a despontar principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Além disso, é inegável que essas leituras estão ligadas à influência da filosofia existencialista de Sartre, bastante divulgada na França da década de 1950.

O presente dado é importante para a compreensão da crítica de Lispector nas décadas de 1960 e 1970, tendo em vista que, nesse período, ao mesmo tempo, verificamos o desenvolvimento do pensamento estruturalista. Segundo Frederic Jameson em “Periodizando os anos 60”:

Quanto à história da filosofia do período, uma das versões mais influentes a seu respeito é apresentada da seguinte maneira: a suplantação gradual do hegemônico existencialismo sartriano (com suas perspectivas essencialmente fenomenológicas) por aquilo que é muitas vezes vagamente chamado de “estruturalismo”, isto é, por uma variedade de novas tentativas teóricas que compartilham pelo menos uma única experiência fundamental. (JAMESON, 1992, p. 93).

Discutido hoje como “pós-estruturalismo”, vê-se que nesse tempo tivemos o aparecimento de muitos intelectuais que articularam suas abordagens na configuração de “políticas de alteridade”, como apresenta Jameson:

As consequências éticas, políticas e históricas são traçadas a partir das até então mais epistemológicas posturas “estruturalistas”. Este é, evidentemente, o momento do que é hoje geralmente conhecido como pós-estruturalismo, associado a nomes bem familiares, como os de Foucault, Deleuze, Derrida e outros. (JAMESON, 1992, p. 94)

Curiosamente, todos esses pensadores serão usados como instrumentais teóricos e filosóficos para ler a ficção de Clarice Lispector, segundo as abordagens não existencialistas. Na fortuna crítica de Lispector, essas novas temáticas “pós-estruturalistas” serão melhor desenvolvidas a partir dos anos 2000, mais ou menos. Essa “virada” nas interpretações da ficção clariciana é “devedora” de trabalhos como de Simone Curi (**A Escritura Nômade de Clarice Lispector**, 2001) e Carlos Mendes de Sousa (**Clarice Lispector: figuras da escrita**, 2000). Este último é mais amplamente divulgado. Nesse período, a fortuna crítica de Clarice Lispector, como comprova os estudos mencionados, começam a se aproximar de um instrumental deleuziano, entre outros, permitindo, inclusive, uma leitura mais real e política, marcada pela possibilidade de evidenciar a alteridade com outros viventes inumanos, numa “proliferação de devires” (CURI, 2001, p. 50).

Da abordagem temática que se vincula ao existencialismo, em oposição às leituras que se projetam em políticas da alteridade, frisada nas interpretações atuais, podemos citar a crítica de

3 Em 1965, Benedito Nunes publicou algumas leituras críticas em suplementos literários de jornais, antes mesmo da publicação do seu estudo mais denso sobre Clarice no formato livro. No jornal **Estado de São Paulo**, encontram-se: “A náusea em Clarice Lispector”, de 24 jul. 1965, “A paixão segundo G.H.”, de 4 set. 1965, e “O jogo da linguagem, I, II”, de 20 nov./27 nov. 1965.

Afonso Romano de Sant’Anna (1962). Nessa leitura, o crítico trata do romance **A maçã no escuro**,⁴ publicado em 1961. Na afiliação aos temas existencialistas, ele afirma que a personagem cumpre um itinerário assinalado pela “supremacia sobre os minerais, vegetais, animais” (SANT’ANNA, 2013, p. 60). A mencionada “superioridade” do homem em relação aos demais inumanos, de acordo com a nossa compreensão, tem a ver com a própria postura do existencialismo filosófico, centrada nas questões humanas, em detrimento dos animais, por exemplo, considerados “pobres de mundo”,⁵ segundo Heidegger (2011, p. 228). Nesse ensaio, escrito no momento em que Sant’Anna ainda era estudante de Letras na UFMG (1962), confirma-se o existencialismo como instrumental mais influente para a leitura da autora nessa década:

Os personagens de Clarice em **A maçã no escuro** são existencialistas. Partem para a construção de si mesmos, da existência para a essência. [...] o domínio da linguagem ou as tentativas de linguagem é que dão a Martim a superioridade sobre animais, vegetais, minerais e o diferencia dos outros. Percebendo-se diferenciado, orgulhoso dá seu grito de triunfo. (SANT’ANNA, 2013, p. 63-68).

De acordo com a abordagem existencialista, engendra-se um privilégio das questões existenciais humanas, o seu drama, a sua náusea, o seu absurdo, a sua angústia, o seu mal-estar, desnudado em um estar-aí (*Dasein*). Sob este aspecto, Benedito Nunes sublinha:

O desenvolvimento de certos temas importantes da ficção de Clarice Lispector insere-se no contexto da filosofia da existência, formado por aquelas doutrinas que, muito embora diferindo nas suas conclusões, partem da mesma intuição kierkegaardiana do caráter pré-reflexivo, individual e dramático da existência humana e tratam de problemas, como a angústia, o Nada, o fracasso, a linguagem, a comunicação das consciências [...] Qualquer que seja a posição filosófica da escritora, o certo é que a concepção-do-mundo de Clarice Lispector tem afinidades marcantes com a filosofia da existência. (NUNES, 1966, p. 15).

Nunes, no fragmento citado acima, revela o seu interesse em ler a obra da ficcionista à luz de uma filosofia existencial, cujo humano é o centro dos problemas. Em seu segundo livro sobre a autora, reafirma a sua abordagem existencialista ao comentar o sentido de “existência” em **Perto do coração selvagem**. Em nota de rodapé, ele explica o termo usado na análise da obra, segundo **O Ser e Tempo**, de Heidegger: “o abandono do ser humano enquanto *Dasein*” (NUNES, 1973, p. 100). Nesse bojo, a linguagem, o seu drama e a procura do eu no mundo são temáticas caras à interpretação existencialista, mais amplamente desenvolvida a partir da década de 1960 e que até hoje ainda é utilizada para compreender Lispector. Atualmente, esse tipo de abordagem “concorre” com outras questões mais políticas, ecológicas e anticoloniais, como temos no caso da análise dos vegetais⁶ em Clarice.

Compreendendo esse viés existencial, situemos o que chamamos de terceira recepção, que intitulamos de “Recepção atual – desontologização” e consideramos a mais atual e contemporânea, pois lê na ficção clariciana temáticas pontuais para o nosso tempo presente. Nessas leituras, temos uma diversidade de abordagens que retiram o privilégio do humano, dando destaque para todos os inumanos – animais, vegetais, minerais –, vistos como chamados ou em “contágios” com o homem. Vale ressaltar que nessas novas compreensões não se nega o humano, mas, de acordo com o pensamento derridiano, comentado por Marcos Siscar (2012, p. 67), discute-se a possibilidade de um “outro humanismo”, cuja literatura pode ser lugar privilegiado para pensar a alteridade.

⁴ No romance, conta-se a história de um homem chamado Martim. Após cometer um ato de violência contra a esposa, acreditando tê-la assassinado, o sujeito foge para o interior do Brasil. Primeiramente, dorme num hotel de aparência abandonado, mas desconfiado do dono do lugar, “pula” como um macaco para um terreno terciário, onde ele encontra um ambiente primitivo, selvagem e bastante orgânico. Na caminhada constante, ele se depara com a fazenda de Vitória. Lá, trabalha e é preso.

⁵ Cf. Heidegger (2005, p. 27-28): “as plantas e os animais estão mergulhados, cada qual no seio de seu ambiente próprio, mas nunca estão inseridos livremente na clareira do ser – e só esta clareira é ‘mundo’ –, por isso, falta-lhes a linguagem [...]”.

⁶ Ver o estudo de Evandro Nascimento (2021, p.183-231), intitulado **O pensamento vegetal**: a literatura e as plantas, capítulo “Clarice e as plantas: a poética e a estética das sensitivas”.

Podemos citar questões que giram em torno da biopolítica, da alteridade, da ecologia, do devir, da abertura à diferença, do questionamento do humano e da totalidade, da animalidade, do neutro, do informe, do selvagem, do indomesticado e muitos outros temas. Além disso, de instrumental teórico, podemos citar os nomes de Derrida, Foucault, Deleuze e Guattari, Viveiros de Castro, Barthes, Bataille, Agamben, Didi-Huberman, etc.

Da crítica atual, temos a contribuição valiosa de intelectuais argentinos, como Gabriel Giorgi e Florencia Garramuño, que leem a obra de Clarice tendo como chave os animais, vendo-os como “signo político”, ou ainda, na convivência com o homem, que só pode levar à precariedade do sujeito como totalidade. No Brasil, Evando Nascimento é um nome importante do que poderíamos considerar como atualização da ficção clariciana. Do crítico, destacamos **Clarice Lispector**: uma literatura pensante (2012). Para o trabalho desse crítico, Jacques Derrida é um nome fundamental para articular análises da literatura de Lispector, amalgamada no “pensamento” que privilegia os animais e vegetais.

Dos argumentos que levam à desontologização do homem nesses novos estudos críticos sobre Clarice, que, por sua vez, tem relação com todos os viventes, podemos recorrer à crítica de Nascimento (2012, p. 52). Sob essa égide, discutindo a noção de Heidegger, que considera os homens como ricos de mundo e os animais como pobres de mundo, ele argumenta a partir dessas “teses logocêntricas próprias à ontologia heideggeriana”:

Vale, com efeito, investigar cada vez mais o que os animais, as plantas e também as pedras têm a nos dizer por meio da fabulosa ficção clariciana. A hipótese é que todos esses supostos entes são dotados de linguagem, embora de modo diferencial, ao contrário do que prega o essencialismo heideggeriano. A reinvenção do humano, como visto, depende necessariamente da intertroca com as formas vicinais: todos os viventes, como animais e plantas, bactérias e vírus (agentes de processos e mutações), até mesmo com o não vivo. (NASCIMENTO, 2012, p. 52).

Em suma, ficam aqui expostos os três momentos da recepção crítica de Clarice Lispector. Pensar a obra da autora na história da recepção, é essencial para verificarmos os interesses temáticos nas histórias literárias. Da relação da História com a Crítica, utilizaremos principalmente a **História Concisa da Literatura Brasileira**, de Alfredo Bosi, como exemplo de leitura da ficção de Clarice Lispector na historiografia literária. Caracterizando-se por reunir vários escritores da literatura nacional numa espécie de manual destinado sobretudo ao público estudantil, nosso interesse é analisar como a escritora é lida na **História** de Bosi e em outras. Para isso, apontaremos qual recepção ainda é evidenciada para o caso de Clarice até hoje.

2 Clarice nas histórias literárias e as leituras existencialistas

Em 1970, Alfredo Bosi publica pela primeira vez sua **História Concisa da Literatura Brasileira**.⁷ Atualizada em 1994, a presente **História** teve recorde de reedições, sendo estudada por muitos discentes de letras. É recomendada até hoje por vários professores universitários em diversas universidades brasileiras. Davi Arrigucci Jr. (2003, p. 14), em apresentação ao livro **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica, de Alfredo Bosi, comenta: “Bosi é o autor da **História Concisa**, manual indispensável a todo estudioso de nossas letras [...]”. Do apontamento de Arrigucci Jr., fica clara a importância da **História Concisa** desde a década de 1970, servindo como manual em diversos níveis escolares. Outro ponto que gostaríamos de delinear no início da discussão sobre as histórias literárias a partir da década de 70, é a preocupação com o acréscimo de novos autores daquela geração. Clarice Lispector, por exemplo, começa a aparecer nas histórias a partir dessa década.

⁷ Bosi dividiu a **História** com as seguintes seções: A Condição Colonial, Ecos do Barroco, Arcádia e Ilustração, O Romantismo, O Realismo, O Simbolismo, Pré-Modernismo e Modernismo e Tendências Contemporâneas.

No que tange ao contexto teórico-filosófico, a **História** de Bosi é publicada quando o pensamento pós-estruturalista já se apresenta em pleno desenvolvimento. Entretanto, no que diz respeito à crítica de Lispector, ainda temos uma forte influência existencialista. Em 1973, para citar um exemplo, Benedito Nunes publica seu segundo livro – **Leitura de Clarice Lispector** – dedicado ao estudo clariciano, em que as ideias de Sartre e Heidegger continuam sendo fundamentais para os argumentos do crítico.

Em Bosi, Clarice Lispector aparece na seção intitulada “Tendências contemporâneas”, “outros narradores intimistas”.⁸ O historiador, situando a produção da autora, recorre, inicialmente, a Álvaro Lins. Por meio desse crítico, ele demarca as “influências” da escritora. (Joyce, Virgínia Woolf e Faulkner). Dessas influências, sempre lembradas na ficção de Lispector, é importante problematizarmos uma questão: Clarice, naturalizada brasileira e vivendo neste país desde criança, deve ser pensada como ficcionista latino-americana. Nesse sentido, pensar as “influências” da escritora, requer uma abordagem diferenciada, a qual revela qualquer coisa de singularidade e originalidade, como pensa Ángel Rama (2008, p. 17) sobre as literaturas da América Latina. À luz desse intelectual uruguaio, queremos dizer que, sendo latino-americanas as narrativas de Lispector, devemos pensá-las numa vontade de operar em caráter internacionalista, pois essa aproximação com as literaturas internacionais faz parte do projeto estético da América Latina, prefigurando uma saída de qualquer unicidade.

Bastaria, para isso, pensarmos no caso de **Perto do coração selvagem**, de Clarice, e **Um Retrato do artista quando jovem**, de James Joyce. Com isto, não estamos julgando incompleta a leitura de Bosi, pois compreendemos que a proposta de uma História nunca é aprofundar criticamente o conjunto da obra de um autor; entretanto, é importante pontuarmos certas palavras, como “influência”, porque podem ser mal compreendidas, principalmente quando se trata da comparação com ficções de origem europeia, vistas como modelos, muitas vezes – resultado do eurocentrismo. Álvaro Lins, por exemplo, ao analisar as duas ficções de estreia de Clarice, considerou-as “inacabadas” ao pensá-las comparativamente com os romances modernos europeus.

Bosi, ao tratar da técnica ficcional de Clarice (uso da metáfora insólita, fluxo de consciência), mostra um aspecto importante na literatura clariciano, isto é, a abertura.⁹ O historiador faz referência ao livro **Obra aberta**, de Umberto Eco. Consideramos essa informação interessante, já que a partir dela vemos como a ficção da autora dá conta de diversas abordagens, como vemos na segunda recepção e na atual. Na crítica especializada, mudando-se o instrumental teórico, é possível verificar diversas propostas temáticas se definindo.

Ao decorrer dos argumentos, Bosi recorre ao antropólogo Lévy-Bruhl. Por meio deste, ele explica a diferença entre a mente primitiva e a civilizada. Com a primeira, entende-se “participação” e “integração”. Com a segunda, “distância” e “medo”. Para Bosi, a “integração” faz parte do projeto de Clarice.

A referência de Lévy-Bruhl pode nos levar a muitas discussões. Como se sabe, esse antropólogo foi citado por Oswald de Andrade no **Manifesto Antropófago**: “Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar [...]” (ANDRADE, 1972, p. 227). Sob esse prisma, ao considerar a “integração” como uma questão fundamental na literatura de Lispector, Bosi nos faz lembrar um projeto moderno muito maior, ou seja, a noção do primitivo, do selvagem, do indomesticado, do “lado floresta” – evidenciado desde

⁸ Em “Tendências contemporâneas”, “Outros narradores intimistas”, ao lado de Clarice Lispector, Bosi inclui os seguintes autores: Cyro dos Anjos, Otávio de Faria, Dionélio Machado, João Alphonsus, Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino, entre outros.

⁹ Cf. Eco (1971, p. 40): “Uma obra de arte, forma acabada e fechada em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunda em alteração de sua irreprodutível singularidade. Cada fruição é, assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original.”

o modernismo de 1922. Aproveitando a discussão, faz-se necessário mencionar que as ficções de Clarice, como afirma Carlos Mendes de Sousa, “não podem deixar de ser relacionas com a arrancada modernista de 22 [...]” (SOUSA, 2000, p. 24).

A presente problematização, em nosso entendimento, prefigura a própria singularidade e originalidade da narrativa clariciana, que, na esteira da pluralidade e heterogeneidade, opera na saída da “unicidade” e da pureza” do pensamento da metrópole colonizadora, como explica Silviano Santiago (2000, p. 16), no ensaio “O Entre lugar da literatura latino-americana”. Arriscamo-nos a dizer que Bosi apresenta questões abordadas na década de 1970, ou seja, ideias que podem levar ao debate sobre a alteridade, a desconfiança do “discurso totalizante” e sobre o viés mais político que questiona o sentido ontológico e “essencialista”. De acordo com Heloisa Buarque de Hollanda:

A partir da década de 1970, começa a se evidenciar o debate, hoje irreversível nos meios políticos e acadêmicos, em torno da questão da “alteridade”. No plano político e social, esse debate ganha terreno a partir dos movimentos anticoloniais, étnicos, raciais, de mulheres, de homossexuais e ecológicos que se consolidam como novas forças políticas emergentes. No plano acadêmico, filósofos franceses pós-estruturalistas como Foucault, Deleuze, Barthes, Derrida e Kristeva intensificam a discussão sobre a crise e o descentramento da noção de sujeito, introduzindo, como temas centrais do debate acadêmico, as ideias de marginalidade, alteridade e diferença. (HOLLANDA, 1994, p. 8-9).

Concordamos com Alfredo Bosi, e acrescentamos que a “participação” desse lado primitivo, revela o caráter indomesticado de várias personagens de Clarice, como Martim, de **A maçã no escuro** (1961). Indomesticado, em nossa reflexão, significa a incapacidade de pertencer a um projeto acabado e definitivo, ou ainda, a constância da “alma”. Ao contrário, mostrando-se o lado primitivo participante, prefigura-se uma autêntica alma selvagem – o nosso “lado floresta” –, como trata Eduardo Viveiros de Castro sobre o trabalho do missionário na tentativa de converter o ameríndio ao cristianismo: “No Brasil, em troca, a palavra de Deus era acolhida alacrememente por um ouvido e ignorada com displicência pelo outro. O inimigo aqui não era um dogma diferente, mas uma indiferença ao dogma, uma recusa de escolher [...]” (CASTRO, 2002, p. 185). Dito isso, considerando o primitivo como traço definidor do projeto de Clarice, por outro lado, é o ontológico-existencial que assume o ponto central no subitem dedicado à escritora na **História Concisa**.

Na **História**, corrobora-se uma tentativa de desenvolver um comentário sobre Clarice conforme a tendência crítica ou teórica histórica do tempo. Neste ínterim, a historiografia de Bosi, ao utilizar argumentos de teóricos e da crítica, evidencia uma proposta que se relaciona, de certa forma, com o prestígio dessas disciplinas. Vale apontar, por outro lado, que, com o crescimento das correntes teóricas e críticas, a historiografia sofreu um grande desprestígio¹⁰ no cenário universitário. Sob essa questão, recorrendo à indagação¹¹ de Hans Robert Jauss (1921-1997), Regina Zilberman comenta sobre esse desprestígio historiográfico: “Sua resposta visava resgatar a História da Literatura da situação de desprestígio a que fora relegada, abandonada pelas tendências teóricas e críticas então em voga nos Estudos Literários, dados o anacronismo e a estagnação identificadas no âmbito das pesquisas universitárias de seus pares.” (ZILBERMAN, 2014, p. 142).

Destarte, Clarice Lispector, entre outros autores que surgiram nessa geração, começou a ser reconhecida no momento de menor prestígio da historiografia literária. Como valor de excuro, ressalta-se que a crise historiográfica é percebida por vários estudiosos na década de 1960, no entanto, no contexto brasileiro, ainda é possível verificar muitas Histórias sendo publicadas, que, por sua vez,

¹⁰ Em 1967, Jauss inicia **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária** discutindo a decadência da historiografia literária. Cf. Jauss (1994, p. 5): “A história da literatura vem, em nossa época, se fazendo cada vez mais mal-afamada – e, aliás, não de forma imerecida. Nos últimos 150 anos, a história dessa venerável disciplina tem inequivocamente trilhado o caminho da decadência constante. Todos os seus feitos culminantes datam do século XIX.”

¹¹ Refere-se à indagação “O que é e com que fim se estuda história da literatura?”, promulgada por Hans Robert Jauss na Conferência apresentada em 13 de abril de 1967, vinculada à Universidade de Constança. Como se sabe, mais tarde essa pergunta será base do livro **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária** (1994).

têm a ver com o surgimento de diversos escritores na literatura brasileira. Acreditamos que diante de tantas novidades ficcionais que surgiram, editorialmente, a publicação desses manuais mostrou-se ainda interessante no mercado editorial. De acordo com Benedito Nunes em “Historiografia literária do Brasil”:

Entre 1960 e 1990, avolumam-se a Historiografia setorial, à conta de diferentes autores, e a dos Gêneros, a que se juntam Panoramas, Antologias e sínteses de caráter ensaístico, que ampliam e refinam o enquadramento crítico, estético e ideológico da História literária. No entanto, essa plethora de produção chega junto com a crise teórica da Historiografia literária. [...] É afinal o modelo temporal de encadeamento da escrita, esteado no princípio da sucessão uniforme, que parece haver entrado em crise depois da concepção fragmental da História em Walter Benjamin e do desconstrucionismo de Jacques Derrida. Propondo nesse sentido uma Historiografia literária como “transformação”, a partir de uma origem vertiginosa e de ulteriores pontos de ruptura com a tradição. (NUNES, 2014, p. 206).

Ligado ao argumento teórico-crítico, ao expor Lispector em sua **História**, Bosi recorrerá principalmente ao existencialismo para explicar a sua literatura, tendência que já vinha ocorrendo na crítica literária clariciana, principalmente na década de 1960 e nos períodos seguintes, como se verifica nas publicações de Benedito Nunes. Vale ressaltar que a **História Concisa da Literatura Brasileira** teve sua primeira publicação em 1970, como já dissemos. Nesse sentido, a **História** desse historiador brasileiro, assume a contribuição entre Teoria, Crítica e História, como pensou René Wellek.

Dada a importância do existencialismo como corrente filosófica que ajudou a compreender o projeto de Clarice durante muitas décadas da sua recepção crítica, recorremos a Jack Reynolds (2014) para buscarmos o significado do existencialismo na história do pensamento humano:

Existem obviamente muitas razões para esse fenômeno fundamentalmente filosófico capturar a atenção do público do modo que o existencialismo o fez, notadamente, a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã da França, que intensificaram as preocupações existenciais com liberdade, responsabilidade e morte. [...] O termo foi inicialmente cunhado por Marcel, descrevendo Sartre e outros, e somente veio a ser aceito por Sartre e Beauvoir alguns anos mais tarde, em 1945. Merleau-Ponty nunca aceitou o rótulo incondicionalmente, ao passo que Heidegger rejeitou-o veementemente. Por isso é difícil argumentar que o existencialismo representa um movimento filosófico único, unificado. [...] **Em vez de nossa identidade ser determinada por nosso status biológico ou social**, o existencialismo insiste que ela deve ser continuamente criada, e que existe uma ênfase resultante sobre nossa liberdade ou, no vocabulário preferido dos existencialistas, **nossa transcendência**. (REYNOLDS, 2014, p. 11-14, grifo nosso).

Da explicação de Reynolds, extraída de **Existencialismo**, grifamos o comentário a respeito da identidade não ser compreendida pelo viés biológico. Aproveitando a discussão, essa visão existencialista nos interessa para pontuarmos as leituras da nova recepção crítica de Clarice, que chamamos de “desontologização”. O primeiro ponto diz respeito à identidade.

Na atual recepção de Lispector, diversos personagens não comungam da definição e totalidade de uma suposta identidade, ao contrário, são sempre rasuras, sujeitos por se constituir, uma espécie de marco zero, o qual incapacita qualquer idealização e pensamento acabado ou fechado, cuja noção de sujeito se torna “precária”, como pensa Florencia Garramuño: “É como se essas narrativas submetessem os personagens a uma espécie de corrente centrífuga que varresse todo traço individual para ficar com o núcleo descarnado da pessoa – corpo, carne.” (GARRAMUÑO, 2011, p. 108). Outro ponto trata do biológico, recusado no existencialismo. Na crítica atual, os comentaristas privilegiam a aproximação orgânica – chamado, invocação, contágio – entre homem e animal, em que se reconhece a naturalidade selvagem projetada como “impessoal”, explicado por Garramuño (2021, p. 146) em “Inauguração do futuro: Clarice Lispector e a vida anônima”.

Nesse sentido, não estamos tratando de um excesso biológico à maneira da corrente naturalista do século XIX, mas de uma oportunidade de pensar o animal no humano, ou ainda, de uma discussão do que significa homem. Poderíamos utilizar o argumento presente em **O Aberto** (2017), de Giorgio Agamben, para problematizarmos o intento da nova perspectiva: “*Homo sapiens* não é, portanto, nem uma substância nem uma espécie claramente definida: é, sobretudo, uma máquina ou um artifício para produzir o reconhecimento do humano [...]” (AGAMBEN, 2017, p. 48). Dessa forma, os estudiosos contemporâneos de Clarice problematizam essa “máquina antropológica do humanismo”, desontologizando o humano como centro das questões, inserindo, para isso, todos os viventes em relação. Poder-se-ia pensar, além disso, o homem como sujeito que se contamina nessas várias formas de vida, desclassificando-se.

Diante disso, o termo “existência” ganha contornos novos na crítica atual, não se encontrando preso ao viés humano. Ao contrário, é o existir dado como realidade em tudo que vive, corroborado em “sensações” naturais. Evando Nascimento no ensaio “Clarice, os animais e as plantas: a intertroca e a encarnação do outro”, publicado no catálogo da Exposição **Constelação Clarice**, com a curadoria de Eucanaã Ferraz e Veronica Stigger (Instituto Moreira Salles, 2021), expõe essa questão. Tratando das “três formas de existência na obra de Clarice Lispector: a humana, a animal e a vegetal”, Nascimento (2021, p. 187), considera que:

Não se trata de descrever exaustivamente, como faria a crítica tradicional, o modo como as imagens de bichos e plantas aparecem na literatura clariciana. O importante é perceber como essa ficção só acontece exatamente por dar corpo (“encarnar”, como veremos) às outras formas de vida em sua escrita. Mais do que símbolos, analogias, figuras, alegorias, símiles, imagens e fábulas, há um modo de pensamento singular que se articula na reinterpretação dos diversos viventes, os quais aparecem em todos os livros publicados sob essa assinatura.

Voltemos à leitura de Bosi, historiador que julga a obra de Lispector conforme a segunda recepção – ontológica-existencialista. Para isso, ele destaca a “exacerbação do momento interior”, a “subjetividade em crise” e o “espírito perdido na memória e autoanálise”. Vejamos um trecho que demonstra essa filiação ao existencialismo para interpretar as narrativas de Lispector: “E a obra toda é um **romance de educação existencial** [...] Há um contínuo denso de experiência. E, **no plano ontológico, há o encontro de uma consciência**, G.H., com um corpo de neutra materialidade, a massa da barata [...]” (BOSI, 2015, p. 437, grifo nosso).

Como fica evidente nos fragmentos, é pelo existencialismo que o historiador entende a literatura clariciana, revelando o Ser, a exemplo de G.H., de **A Paixão segundo G.H.**, numa transcendência que tem como motor propulsor a crise do sujeito. Com esse argumento de Bosi, podemos dialogar com a fortuna crítica de Lispector na década de 1970, cujo representante maior é Benedito Nunes (1973), como já dissemos. Sob esse prisma da existência, Nunes sublinha em **Leitura de Clarice Lispector**, subitem “A paixão da existência e da linguagem”: “Seria incompleta a nossa visão das figuras de Clarice Lispector, se deixássemos de considerar o impulso ao dizer expressivo, que é o elemento de ligação entre o desejo de ser e a questão do eu, anteriormente abordada sob o aspecto da existência autêntica [...]” (NUNES, 1973, p. 106). Com a presente passagem nunesiana, entende-se que o comentário sobre Clarice na **História** de Bosi, dialoga com o seu tempo histórico de recepção, confirmando o que Jauss (1994, p. 31) chamou de “horizonte de expectativa”.¹² De sorte que, para além da historiografia de Bosi, podemos confirmar a leitura existencialista em Clarice conforme outras obras historiográficas, como temos em **A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-**

¹² Cf. JAUSS, 1994, p. 31: “O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público.”

1960), de José Aderaldo Castello (1921-2011), publicada pela primeira vez em 1999,¹³ e **História da Literatura Brasileira**, de Luciana Stegagno-Picchio (1920-2008), de 1997. Em tom crítico, Castello afirma que **Perto do coração selvagem** inova na técnica, prefigurando uma linguagem que apresenta recursos expressivos que remetem aos “**vegetais, animais e físicos**, que deveriam ser descritivos, mas que são destacados da paisagem, **para serem postos em conjunção com ansiedade, conflitos, desejos e impulsos humanos** [...]” (CASTELLO, 1999, p. 443, grifo nosso). Além disso, segundo Castello, Clarice vai atingir seu “ponto máximo” com **A Paixão segundo G.H.** Com o romance, destacam-se a “pesquisa do ser”, a “identidade do ser”, a “condição humana”, a “transcendência” e a “perquirição neutralizante”.

Do trecho que escolhemos como exemplo, Castello trata da presença dos animais e vegetais, entretanto, de acordo com essa recepção, esses viventes atendem apenas a uma questão humana: a angústia do ser e a sua pesquisa existencial. Lembremos, com isso, da “pobreza de mundo”, como pensou Heidegger em relação aos animais. Poderíamos remeter, aqui, inclusive a uma passagem de Nunes que trata dos animais: “Basta considerarmos estas particularidades do tratamento literário que determinados animais recebem na novelística de Clarice Lispector, para vermos logo o quanto essa abordagem está condicionada por uma compreensão definida da existência e do ser [...]” (NUNES, 1966, p. 60).

Confirmando o viés existencialista nas histórias, temos também um exemplo de Stegagno-Picchio (2004). A historiadora italiana diz que em relação ao direcionamento “filosófico”, privilegia-se “uma participação em concepções filosóficas fenomenológico-existencialistas” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 611). Stegagno-Picchio menciona também o animal – no entanto, é sempre o humano o foco das perguntas e das questões: “A barata, devorada ritualmente por G.H. numa espécie de retorcido canibalismo, **permitir-lhe-á percorrer a escala da vida animal mediante uma experiência existencial em tomada direta** [...]” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 612, grifo nosso).

Ressalta-se que não estamos inserindo um juízo negativo nesses textos historiográficos, com base na compreensão e acúmulo teórico e crítico de hoje, pois entendemos que essas são parte de uma expectativa de leitura que passa pela Crítica, operando-se também nas histórias. Por outro lado, faz-se mister analisarmos criticamente os argumentos propostos nessas obras, a fim de situá-los no seu momento histórico-interpretativo.

Explicado esse viés existencialista, poder-se-ia dizer que em Bosi a recepção historiográfica da ficção clariciana apresenta uma singularidade, diferenciando-se das outras histórias, mesmo sendo uma das pioneiras no que diz respeito à inserção da ficcionista. Essa particularidade se revela na abordagem ontológico-fenomenológica, mas também no destaque ao projeto primitivo integrador dessas narrativas, que pode nos levar às questões mais contemporâneas de leitura desses textos. Por exemplo, em **A maçã no escuro** (1961), a história do homem que foge da polícia, suspeito de violentar a própria esposa, integra a personagem Martim num ambiente mais primário, terciário e orgânico, onde é possível pensar um sujeito indomesticado e selvagem. No entanto, o mesmo romance já foi lido pelas lentes existencialistas, como foi realizado por Benedito Nunes no capítulo “A maçã no escuro ou o drama da linguagem”, do livro **O drama da linguagem** – uma leitura de Clarice Lispector (1995).

Queremos dizer, com isso, que os argumentos do historiador antecipam, em um certo sentido, determinadas propostas atuais; entretanto, a influência do existencialismo fazia parte da própria expectativa de leitura da obra de Lispector, formulada pela crítica, não oferecendo muita abertura para novas possibilidades. Na atualidade, de outra maneira, à luz de filósofos, antropólogos e teóricos,

¹³ Vale ressaltar que, na década de 1990, Benedito Nunes publicou **O drama da linguagem** – uma leitura de Clarice Lispector (1995), livro de leitura existencialista.

os quais já mencionamos quando falamos da atual recepção, as narrativas da autora são pensadas segundo uma virada animal e vegetal, cuja chave perfaz-se no rompimento com a ideia logocêntrica de privilégio humano do pensamento.

Enquanto na década de 1960, como já abordamos, realizava-se uma interpretação existencial, atualmente, Gabriel Giorgi (2016, p. 10), à luz de Foucault, afirma que nessa década houve uma preocupação em evidenciar o animal na cultura latino-americana, vendo-o como “signo político”. Nessa leitura, dimensiona-se a invocação rumo à abertura, à desclassificação, à liberdade e à indomesticação. Estamos, pois, na via do primitivo, do selvagem e da integração. De acordo com os argumentos de Giorgi, pela representação da animalidade na ficção da década de 1960, politicamente, é possível analisarmos tentativas de liberação dos corpos, da sexualidade, do animal abafado em cada homem, com as quais é possível “ensaia” fugas da autoridade patriarcal, de normas sociais estabelecidas, burocracias e pensamentos totalizadores e centralizadores.

Da particularidade existencialista na **História** de Bosi, o fragmento seguinte comprova a compreensão de Clarice de acordo com a segunda recepção crítica da autora: “A palavra neutra de Clarice Lispector articula essa experiência metafísica radical valendo-se do verbo Ser [...]” (BOSI, 2015, p. 438). Confirmando a leitura pelo viés ontológico, Bosi enfatiza o neutro como metafísica. O Ser, diante disso, ganha dimensão filosófica na narrativa clariciana, aproximando-se da crítica nunesiana. Na crítica de Benedito Nunes (1966), Heidegger é um nome sempre invocado. Ao comentar **Perto do coração selvagem**, ele afirma:

Essa metamorfose do ser real da expressão não é contudo, uma anomalia da linguagem. Ela traduz o fenômeno originário da fala (*die Rede*, segundo Heidegger), simultâneo ao fato do homem, como ser-aí (*Dasein*) encontrar-se existindo no mundo, em permanente diálogo consigo mesmo e com os outros. Esse encontro já significa um distanciamento (transcendência, em linguagem filosófica da realidade pura, dos dados brutos, das coisas tais como seriam anteriormente ao advento do homem. Se coincidíssemos com as coisas, se vivêssemos integrados à Natureza, faltar-nos-ia o confronto com os objetos que são captados mediante conceitos, e também não haveria a separação entre as consciências, que a comunicação tenta preencher através da linguagem verbal e não verbal. (NUNES, 1966, p. 68).

Na formulação crítica de Nunes, o Ser prefigura a sua existência no mundo. Em Bosi, sem particularidade de aprofundar uma crítica, dado o seu objetivo historiográfico, o Ser aparece nesse horizonte existencial na interpretação da literatura de Lispector. Na parte dedicada à ficcionista, não há menção a Heidegger, mas no subitem intitulado “A Crítica”, de sua **História Concisa**, ele confirma a sua filiação e interesse:

Com Benedito Nunes (**O Mundo de Clarice Lispector; O Dorso do Tigre**), Anatol Rosenfeld (**Texto/Contexto**) e Vilem Flusser (**Da Religiosidade, Língua e Realidade**), a captação do estético faz-se mediante abordagens fenomenológicas. É sensível em Benedito Nunes a abertura à gênese existencial do texto, forma de ler que nele remonta ao Sartre das **Situações**; a Rosenfeld devemos a melhor compreensão do teatro brechtiano além de páginas iluminadoras sobre a estrutura da obra de arte na linha de Roman Ingarden (**O Personagem na Ficção**); quanto a Flusser, antes manipulador de ideias, que analista literário, mantém-se na intersecção do neopositivismo com a ontologia de Heidegger. (BOSI, 2015, p. 508).

Com o apoio desses críticos e teóricos, embora sem mencioná-los, Bosi desenvolve a sua compreensão sobre Clarice, dando-lhe lugar na **História**. Nessa perspectiva, o viés é o mesmo desenvolvido na recepção crítica daquele momento, ou seja, a crise do sujeito e da linguagem:

São exemplos que têm lição vária como sintomas de uma crise de amplo espectro: crise da personagem-ego, cujas contradições já não se resolvem no casulo intimista, mas na procura consciente

do supraindividual; crise da fala narrativa, afetada agora por um estilo ensaístico, indagador; crise da velha função documental da prosa romanesca. (BOSI, 2015, p. 438).

Por fim, fica evidente na historiografia de Bosi e nos vários momentos recepcionais da literatura de Clarice Lispector, independentemente do instrumental teórico e filosófico utilizado para interpretá-la, o caráter de apego ao pensamento e à reflexão que mostra a riqueza literária diante de tantas possibilidades de abordagens.

3 Considerações finais

No presente artigo, analisamos algumas leituras de Clarice Lispector, desde o seu aparecimento no cenário literário brasileiro. Classificamos a fortuna crítica da escritora de acordo com três momentos da recepção: Recepção de “primeiras horas”, Recepção ontológica-existencial e recepção atual – Clarice para o nosso tempo – “desontologização”. Nosso intento foi verificar como o momento histórico de leitura influencia na mudança de abordagem das obras. Para isso, evidenciamos a importância da Crítica Literária e da História Literária. No caso desta última, utilizamos como exemplo principal a **História Concisa**, de Alfredo Bosi. Com ela, vimos que o historiador esteve ligado a um horizonte de leitura, o qual chamamos de segunda recepção, evidenciada pela visão ontológico-existencialista. Comprovamos essa questão por meio da própria fortuna crítica da autora.

Por outro lado, verificamos também que Bosi pensa a literatura de Lispector como projeto que engendra, à luz da antropologia, uma participação e integração, em que compreendemos como possibilidade de discutir essa ficção a partir de questões da recepção contemporânea, cujos temas convergem para o indomesticado, o selvagem, o primitivo, a animalidade, a impessoalidade, a alteridade. Esses temas, ligados ao projeto maior da modernidade – o lado floresta oswaldiano –, retiram o homem da ontologia e do excesso existencialista, jogando-o na relação participativa com todos os viventes.

Em suma, com este estudo, gostaríamos de evidenciar a importância da ficção de Clarice Lispector. Mostrando-se permanentemente atual ao longo do tempo e sempre aberta para novas interpretações, a ficcionista pertence ao passado, ao presente e, sem dúvida, ao futuro.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto: o homem e o animal**. Tradução de Pedro Barbosa Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- ANDRADE, Oswald de. “Manifesto antropófago”. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 226-232.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Apresentação. In: BOSI, Alfredo. **Céu, inferno: Ensaio de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2003, p. 13-15.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, p. 123-131.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. 2 vols. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A Inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- CURI, Simone. **A Escritura Nômade de Clarice Lispector**. Chapecó: Argos, 2001.
- ECO, Umberto. **Obra Aberta**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- GARRAMUÑO, Florencia. Região compartilhada: dobras do animal-humano. Tradução de Maria Esther Maciel. In: MACIEL, Maria Esther (org.). **Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011, p. 105-116.
- GARRAMUÑO, Florencia. Inauguração do futuro: Clarice Lispector e a vida anônima. In: DINIZ, Júlio (org.). **Quanto ao futuro, Clarice**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; Puc Rio, 2021, p. 139-149.
- GIORGI, Gabriel. **Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica**. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução: Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 7-19.
- JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JAMESON, Frederic. Periodiando os anos 60. Tradução de César Brites e Maria Luiza Borges. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 81-126.
- LINS, Álvaro. "A experiência incompleta: Clarice Lispector". In: **Os mortos de sobrecasaca: ensaios e estudos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 186-193.
- MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981. V. I.
- NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- NASCIMENTO, Evando. **O Pensamento Vegetal: a literatura e as plantas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- NASCIMENTO, Evando. Clarice, os animais e as plantas: a intertroca e a encarnação do outro. In: FERRAZ, Eucanaã; STIGGER, Veronica (org.). **Constelação Clarice**. São Paulo: IMS, 2021, p. 186-199.
- NUNES, Benedito. **O Mundo de Clarice Lispector (ensaio)**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973.
- NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1995.
- NUNES, Benedito. Historiografia literária do Brasil. In: **Crivo de papel**. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 175-207.
- RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.
- REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. 2. ed. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

- SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. *In: Uma Literatura nos Trópicos: Ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.
- LISPECTOR, Clarice; SABINO, Fernando. **Cartas Perto do Coração**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SANT’ANNA. Affonso Romano de. Clarice Lispector: linguagem. *In: Com Clarice/ Affonso Romano de Sant’Anna, Marina Colasanti*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 59-75.
- SISCAR, Marcos. **Jacques Derrida: literatura, política e tradução**. Campinas: Autores associados, 2012.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da Literatura Brasileira**. 2. ed. Tradução de Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- SOUSA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector. Figuras da Escrita**. Braga, Universidade do Minho/ Centro de Estudos Humanísticos, 2000.
- WELLEK, René. **Conceitos de Crítica**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.
- ZILBERMAN, Regina. A História da Literatura pede passagem. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, n. 24, p. 142-158, 2014.